

24/2

revista do centro de estudos humanísticos
série filosofia e cultura
2010

diacrítica

neo- -republicanismo

hums



Universidade do Minho
Centro de Estudos Humanísticos

Título: DIACRÍTICA (Nº 24/2 – 2010)
Série Filosofia e Cultura

Directora: Ana Gabriela Macedo

Editor: João Cardoso Rosas

Editora-Adjunta: Virgínia Soares Pereira

Comissão Redactorial: Acílio da Silva Estanqueiro Rocha, Norberto Amadeu Ferreira G. Cunha, Manuel Rosa Gonçalves Gama, Virgínia Conceição Soares Pereira, Fernando Augusto Machado, João Manuel Cardoso Rosas, Joanne Madin Vieira Paisana, José Manuel Robalo Curado, Vítor Manuel Ferreira Ribeiro Moura, Pedro Martins, Mário Matos, Elisa Lessa

Comissão Científica: Acílio da Silva Estanqueiro Rocha (Universidade do Minho), Arnaldo Espírito Santo (Universidade de Lisboa), Catherine Audard (London School E.P.S.), Elisa Lessa (Universidade do Minho), Fernando Augusto Machado (Universidade do Minho), Joanne Madin Vieira Paisana (Universidade do Minho), João Manuel Cardoso Rosas (Universidade do Minho), João Vila-Chã (Faculdade de Filosofia da U.C.P.), José Esteves Pereira (Universidade Nova de Lisboa), José Luís Barreiro Barreiro (Universidade de Santiago de Compostela), Manuel Ferreira Patrício (Universidade de Évora), Manuel Rosa Gonçalves Gama (Universidade do Minho), Maria Xosé Agra (Universidade de Santiago de Compostela), Mário Vieira de Carvalho (Universidade Nova de Lisboa), Norberto Amadeu Ferreira G. Cunha (Universidade do Minho), Pedro Cerezo Galán (Universidade de Granada), Richard Bellamy (University of Essex), Steven Lukes (New York University), Virgínia Conceição Soares Pereira (Universidade do Minho), Viriato Soromenho-Marques (Universidade de Lisboa), José Manuel Robalo Curado (Universidade do Minho), Vítor Manuel Ferreira Ribeiro Moura (Universidade do Minho)

Obs: Para além de artigos de professores e investigadores convidados, a revista acolhe propostas de publicação de colaboradores internos e externos ao Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, que serão sujeitas a arbitragem científica segundo um modelo de revisão por pares.

Os artigos propostos para publicação devem ser enviados ao Coordenador.

Não serão devolvidos os originais dos artigos não publicados.

Edição: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho em colaboração com Edições Húmus – V.N. Famalicão. *E-mail:* humus@humus.com.pt

Publicação subsidiada por
FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia

ISSN: 0807-8967

Depósito Legal: 18084/87

Composição e impressão: Papelmunde – V.N. Famalicão

ÍNDICE

NEO-REPUBLICANISMO

- 7 **Le néo-républicanisme en débat**
Roberto Merrill
- 13 **Republican global distributive justice**
Frank Lovett
- 31 **A global republic to prevent global domination**
José Luis Martí
- 73 **Fighting back against domination:
republican citizenship and unbounded reciprocity**
John Maynor
- 91 **Reworking the neo-republican sense of belonging**
Sophie Guérard de Latour
- 113 **Citoyenneté et propriété: une conception républicaine de la propriété privée**
Vincent Bourdeau
- 129 **Repenser le concept républicain de domination**
Christian Lazzeri
- 165 **Le marché est-il une institution républicaine?**
Jean-Fabien Spitz
- 193 **Egalité des chances, responsabilité individuelle et liberté comme non domination**
Roberto Merrill

CULTURA CLÁSSICA

- 213 **Analogia casa / Estado na República de Cícero**
Francisco de Oliveira
- 237 **A influência do paterfamilias na educação da elite política romana de finais da República: o exemplo de Marco Túlio Cícero**
Emília M. Rocha de Oliveira e João Manuel Nunes Torrão
- 273 **Entre Ulisses e Ovídio: Manuel Alegre e o seu exílio sem remédio**
Carlos Ascenso André

VÁRIA

- 293 **Emotions, Art and Immorality**
Matthew Kieran

- 323 **Justiça global: o influxo rawlsiano e a demarcação da Lei dos Povos**
Maria João Cabrita
- 341 **Religion and State – secularism, laicité and multiculturalism today**
Marta Nunes da Costa
- 359 **L'inconscient comme question éthique ou l'objection aux lois apathiques de Kant et de Sade dans le Séminaire VII de Jacques Lacan**
Cristina Alvares
- 375 **Transatlantic crossing: U. S. Cultural studies and german cultural sciences compared**
Lutz Musner
- 391 **As Monjas e a Arte Musical – mulheres de talento dos séculos XVII e XVIII em Portugal**
Elisa Lessa
- 399 **A poesia filosófica de Edmundo Curvelo: o manuscrito ‘caminho dos homens’**
Manuel Curado

TRADUÇÃO

- 425 **“Três Mundos”, de Karl Popper: Nota Introdutória**
João Cardoso Mendes
- 431 **Três Mundos**
Karl Popper

HOMENAGEM

- 459 **El Maestro**
Homenaje a los profesores José Luis Barreiro Barreiro y Andrés Torres Queiruga
M^a Aránzazu Serantes

RECENSÕES

- 465 *Os Classica Digitalia Vniversitatis Conimbrigenis*
Virginia Soares Pereira
- 471 *Cataldo Parísió Sículo, Epístolas, I Parte.*
Virginia Soares Pereira
- 475 *Revisitar os Saberes. Referências clássicas na cultura portuguesa do Renascimento à época moderna.*
Virginia Soares Pereira
- 481 *Partire la trascendenza. L'uomo nel pensiero di María Zambrano.*
M^a Aránzazu Serantes
- 485 *Science matters: humanities as complex systems.*
M^a Aránzazu Serantes López / Martín Pereira Fariña
- 491 *La philosophie des sciences. L'invention d'une discipline (fin XIX^e-début XXI^e siècle).*
João Ribeiro Mendes

A influência do *paterfamilias* na educação da elite política romana de finais da República: o exemplo de Marco Túlio Cícero

Emília M. Rocha de Oliveira e João Manuel Nunes Torrão
Universidade de Aveiro

Resumo

Tomando por fonte a vastíssima colecção de cartas escritas (e recebidas) por Cícero em meados do século I a.C., este estudo, que se centrará na análise de algumas das referências feitas pelo epistológrafo à educação e entrada na vida pública do filho, permitir-nos-á perceber em que medida o percurso educativo e a integração na vida pública do jovem aristocrata romano foram condicionados pela acção do *paterfamilias*.

Palavras-chave: Cícero; *epistulae*; República romana; século I a.C.; educação romana; *paterfamilias*; elite política romana.

Entre todos os monumentos da literatura antiga, a correspondência de Cícero tem sido apontada como um dos que mais facilmente consegue captar a atenção do público letrado, não apenas pelo seu inegável valor literário, mas, sobretudo, porque constitui, para os estudiosos dos últimos anos da República romana, uma fonte inesgotável de informações de toda a espécie (*apud* Constans, 2002: v. 1, 7).¹ Testemunhos de um

1 Cf. Gómez (1997) 321: “La correspondencia de Cicerón constituye uno de los mayores legados de la antigüedad romana y la más completa expresión de su autor”; Hutchinson (1998) 1: “Cícero’s

tempo em que ainda não existia a imprensa, as cartas são, para o leitor moderno, como um jornal quase diário dos anos a que se reportam.² Definidas por muitos como “retrato de uma época, testemunhos vivos da história de Roma” (André, 1993: 156),³ nelas perpassam os principais acontecimentos que compuseram o agitado quotidiano do seu autor.⁴ A informação nelas veiculada permite-nos fazer a reconstituição dos conflitos e intrigas que marcaram a actualidade política da Roma de finais do século I a.C.⁵ – de que Cícero, foi, aliás, protagonista⁶ –, mas também de aspectos da vida privada dos Romanos, como a família e as vivências a ela associadas.

Uma das vivências tradicionalmente associada à família romana de finais da República era a educação dos seus elementos mais jovens.⁷

correspondence forms one of the most remarkable collections of texts in Latin. Not only do these letters throw a uniquely penetrating light on the social and political world of the late Republican élite, and the events of a momentous period; not only are they vital to understanding one of the most central figures in Latin literature, and fundamental to our knowledge of many contemporary authors; they also contain a great quantity and variety of powerful and vivacious writing.” Este último autor faz uma análise dos aspectos literários das cartas com o objectivo de aferir da sua literariedade: “Most strikingly of all, the literary aspects of the letters have rarely been explored. (...) The book aspires to justify a literary approach to the letters by trying it out in practice. Concrete analysis is the best means of displaying the value of the letters as literary texts, and experience of that value is the best reason for regarding them as literature.” (p. 2).

- 2 As cartas reportam-se aos últimos vinte anos da vida do autor, a que corresponde sensivelmente o período que se situa entre o ano do seu consulado (63 a.C.) e o ano 43 a.C..
- 3 Cf. Cugusi (1983) 161 *sqq.*, onde se elencam os diversos factores justificativos da importância e valor documental das cartas. O primeiro enunciado pelo autor é precisamente o facto de as cartas “constituiscano uno specchio fedele, quasi di sapore ‘documentario’, dei fatti turbinosi che portarono allo sconvolgimento dell’assetto della repubblica ed alla conseguente creazione dell’impero, fatti dunque di enorme portata: donde il loro basilare valore come fonte storica.” Os próprios contemporâneos de Cícero reconheciam o valor documental das *epistulae* (Nep., *Att.* 16.3). Leia-se também Pereira (2006) 94.
- 4 Cf. Cugusi, *ibidem*: “Nelle lettere private, colloquiando con persone del suo stesso ambiente, Cicerone scrive senza paludamenti sui fatti rientranti nella routine quotidiana: perciò l’epistolario è specchio fedele della vita giornaliera della classe agitata.”
- 5 Todas as datas que venham a ser referidas de ora em diante deverão ser entendidas como anteriores à era de Cristo (a.C.).
- 6 Têm sido muitos os autores a dedicarem-se ao estudo deste período conturbado da história de Roma. Citaremos apenas alguns: Badian (1968); Brunt (1971), (1988); Gruen (1974); Holmes (1923); Mitchell (1979); Patterson (2000); Stockton (1971); Syme (1939); Wiedemann (1994). Sobre a violência no final da República, leiam-se ainda Lintott (1968); Nippel (1995).
- 7 A educação era uma das principais preocupações da família. Cf. Rawson (1986) 38: “It not only must have influenced Roman’s attitudes but its content was in turn much influenced by the family itself (by parents, by parents’ friends and associates, and by slaves and freedmen associated with the family).”

Nesse tempo, o Estado delegava essa responsabilidade nos familiares directos dos mais novos, em especial, no *paterfamilias*. Talvez por isso, nas cartas que trocou com os familiares e os amigos, sejam inúmeras as referências feitas por Cícero à educação do filho Marco Cícero.⁸ Na sua correspondência, estão patentes as diversas etapas do percurso educativo trilhado pelo jovem e da sua entrada na vida pública (*apud* Bradley, 1991: 104). Partindo dessas mesmas referências, conseguimos perceber também o alcance da influência paterna nos destinos do filho.

Dos dois filhos de Cícero,⁹ Marco é o menos conhecido entre os estudiosos da literatura e cultura romanas.¹⁰ Lamentavelmente, não nos chegou nenhuma das cartas escritas pelo jovem ao pai, tão-pouco nenhuma das missivas que, por sua vez, Cícero lhe escreveu. Sabemos apenas, pelo próprio filho, que estas continham palavras afectuosas.¹¹ Sabemos, também, que foi a Marco que Cícero dedicou, possivelmente em 46, as *Partitiones oratoriae*,¹² fazendo dele, aliás, um dos interlocutores do diálogo.¹³ Zeloso em relação à educação do filho, ofereceu-lhe também, em 44, o tratado *De officiis*,¹⁴ manual de conselhos do pai para

8 De acordo com o uso corrente na onomástica romana, o jovem recebeu o nome do pai: Marco Túlio Cícero. No epistolário ciceroniano é referido apenas com o nome *Cícero*.

9 Cícero teve também uma filha, Túlia, cerca de catorze anos mais velha do que Marco.

10 São poucos os estudiosos que indagaram sobre o carácter e a vida do filho de Cícero. Leiam-se e.g. Balbi (1907), Norcio (1968) e, mais recentemente, Bradley (1991) 103-106. Veja-se, ainda, o nosso trabalho: Oliveira (2006), em especial, o capítulo quarto da terceira parte (pp. 379-415), onde se traça o percurso biográfico do jovem Marco Cícero e do qual este estudo é, aliás, devedor.

11 Cf. *Fam.* 16.21.1, de Setembro de 44.

12 Apesar de muitos estudiosos apontarem o ano de 54 como a data de composição das *Partitiones*, afirma Bornecque (1960) xii-xiii: “Le fils de Cicéron, alors âgé de onze ans et qui, nous le savons, n’ était pas exceptionnellement doué, aurait été vraisemblablement incapable de suivre ces développements profonds ou ingénieux sur la philosophie ou le droit civil. Aussi bien les jeunes Romains n’ abordèrent-ils pas si jeunes l’ étude de la rhétorique. A onze ans, ils n’ avaient même pas commencé à fréquenter le *grammaticus*.” O estudioso aponta, por isso, como mais provável, outra datação: “Marcus Cicéron étant parti en 45 pour Athènes, où il allait se perfectionner dans l’ étude de la rhétorique et de la philosophie, le présent traité serait comme une préparation à ce séjour: il aurait donc été composé à la fin de 46 ou au début de 45.”

13 As *Partitiones oratoriae* constituem um manual de retórica, composto por Cícero, durante um retiro no campo, para o filho, supostamente a pedido do jovem, que queria receber em latim os ensinamentos que o pai já lhe havia dado em grego (cf. *Cic.*, *Part.* 1).

14 Cf. *Off.* 3.121; *Att.* 15.13a.2; 16.11.4.

o filho,¹⁵ quando este estava ausente em Atenas, a aperfeiçoar os seus estudos de retórica e filosofia.¹⁶

Marco nasceu em Julho do ano 65¹⁷ e, à medida que foi crescendo, o pai foi depositando nele as mais elevadas esperanças.¹⁸ Ainda que a absorvente profissão de advogado e a política o mantivessem intensamente ocupado, Cícero revelou-se escrupuloso no acompanhamento do filho. Desde cedo, antes mesmo de Marco completar seis anos de idade, confiou-o aos cuidados de óptimos mestres, como Aristodemo de Nisa, que era, simultaneamente, o tutor do sobrinho Quinto.¹⁹ É o que podemos deduzir destas palavras relativas ao seu filho, que dirigiu ao amigo Ático:

O Cícero encarrega-te de responderes sobre ele a Aristodemo o mesmo que respondeste sobre o primo, o filho da tua irmã.²⁰

As famílias mais abastadas optavam por proporcionar aos filhos o ensino/aprendizagem das matérias em casa, sob a orientação de professores particulares contratados para o efeito.²¹ Quando as famílias dispunham de tempo e de recursos financeiros para se dedicarem à educação

15 Já Catão-o-Antigo havia escrito para o filho os *Libri ad Marcum filium*, uma enciclopédia das ciências úteis à actividade do Romano na Antiguidade, como a medicina, a agricultura, a oratória e a arte militar. Cf. Paratore (1983) 105: “O objectivo do autor foi fornecer ao filho aquela cultura que, então, os filhos das famílias importantes pediam aos mestres gregos, coisa que jamais ele teria tolerado em sua casa.”

16 *Off.* 3.121.

17 O pai anunciou o seu nascimento ao amigo Ático com uma frase breve, mas suficientemente expressiva do orgulho sentido: “Quero que saibas que, durante o consulado de L. Júlio César e G. Márcio Figulo, fui pai de um filho. Terência encontra-se bem.” (*Att.* 1.2.1).

18 Cícero alentava o sonho de ver o filho imitar os seus passos e rivalizar com o seu nome e fama. Leia-se *Off.* 3.6.

19 Aristodemo, presumivelmente, terá, também, educado os filhos de Pompeio e o geógrafo Estrabão. Vide Shackleton Bailey (1999) v. 1, nota 8 *ad Att.* 2.7.5. Este mestre, no papel de *litterator* (cf. Gr. γραμματιστής), deverá ter ensinado Marco a ler e a escrever. Num nível mais básico, ensinava-se a ler, escrever e contar através da repetição mecânica e contínua e sob a disciplina de uma vara (Rawson (1986) 39). Somente depois de apreenderem os rudimentos da leitura e da escrita, as crianças eram levadas a aperfeiçoarem a escrita e instruídas em matemática e estenografia (Paoli (1999) 168).

20 *Att.* 2.7.5, de Abril de 59.

21 Como afirma Rawson (1986) 38 *sq.*, “classroom facilities at Rome were primitive. There was none of the sophisticated equipment that we have come to think important in teaching and learning – usually there were merely the basics for reading and writing. In public schools, the space available was noisy and crowded; at Rome it would probably be any room or corner vacant. Teachers, dependent on fees from parents, were poorly paid, of low social status, and enjoyed little prestige.” Entre as classes menos favorecidas, poucos ou nenhuns podiam dar-se ao luxo

dos filhos, nos primeiros anos de existência, era a mãe que, tradicionalmente, assumia a responsabilidade de educar os filhos. Com o apoio de mestres particulares, a sua influência poderia até prolongar-se um pouco mais para além da infância (*apud* Rawson, 1986: 40).²² Não existem, porém, nas cartas de Cícero referências à participação activa de Terência, a mãe de Marco, na educação do filho. Já quanto ao pai, sabemos que chamou a si essa responsabilidade. Não obstante ter confiado a instrução do jovem a mestres como Tirânion²³ e Dionísio,²⁴ não abdicou

de proporcionar uma educação formal às suas crianças. Por vezes, estas aprendiam um ofício com os pais, já que não havia ensino técnico público em Roma. *Cf. idem*, 40.

22 Na p. 56, nota 121 *ad* 40, a autora recorda os exemplos de duas mães. A primeira é Corélia Hispula, que educou o filho em conjunto com mestres particulares até ele ter cerca de catorze anos de idade (*cf. Plin., Ep.* 3.3.3-7, em que o epistológrafo recomenda a Corélia um mestre para o filho). A outra é Júlia Procila, mãe do sogro de Tácito, Agrícola, que supervisionou a educação do filho até este se ter tornado um jovem adulto (*cf. Tac., Ag.* 4.2-5).

23 Segundo Shackleton Bailey (1999) v. 1, 363, nota 10 *ad Att.* 2.6.1, Tirânion, que, na verdade, se chamava Teofrasto de Amiso – estabeleceu-se em Roma em 68 ou 66, tendo-se notabilizado como professor e erudito. Em 56, deu aulas em casa de Cícero (*Q. fr.* 2.4.2, de Março de 56) e ajudou-o a organizar a sua biblioteca de Áncio (*Att.* 4.4a.1; 4.8.2, ambas de Junho(?) de 56). Treggiari (1969) 116 acrescenta, entre outras informações, que “L. Licinius Tyrannio was an eminent grammarian of Amisus before he was captured by Lucullus in 68-66 B.C. and transferred to Rome.” Acerca da identidade deste homem (e também de Aristodemo de Nisa), leia-se ainda Bonner (1977) 27; 28-30; 139.

Segundo Paoli (1999) 169, eram variadas as áreas de conhecimento abrangidas pelo magistério de um *grammaticus*: “The language and literature of Greece and Rome were taught in the school of the *grammaticus*, poetry being particularly studied, and some attention was paid to the fundamentals of history, geography, physics and astronomy, necessary for a complete understanding of the texts.” Normalmente, estes textos eram ditados e, ao estudá-los, o aluno aprendia a pronunciar bem as palavras, a ler com expressividade, a explicar com clareza o seu significado e a fazer a sua análise métrica. Lidos os textos, o mestre pedia ao aluno que decorasse algumas passagens e que as explicitasse oralmente e por escrito (*cf. ibidem*). Segundo Rawson (1986) 39, o currículo tradicional baseava-se quase exclusivamente em textos de literatura grega e latina, geralmente, poesia. Em questão de história, geografia, ciência e quase todas as restantes matérias, o conhecimento dos alunos derivava do comentário feito pelos professores desses mesmos textos: “There was a canon of approved texts which was seldom changed, and the method of dealing with them changed little over a long period.” Até mesmo num nível mais elevado, a educação dependia muito do ditado, da memorização e da recitação, já que os manuscritos literários eram caros. Segundo a autora, “this in itself gave much emphasis to the spoken word, and this aspect was consciously developed since almost all public life depended on the ability to speak well.”

24 Segundo Shackleton Bailey (1965-1970) v. 2, 189, nota 5 *ad Att.* 4.8a.1, Marco Pompónio Dionísio era um culto liberto de Ático (*cf. Att.* 4.11.2, de Junho de 55) que terá ensinado os jovens *Cicerones* durante alguns anos. Inicialmente, terá causado boa impressão a Cícero (*cf. Att.* 4.15.10, de Julho de 54). Entre ambos parece ter-se estabelecido uma grande amizade, de tal forma que, quando o liberto se ausentava, pai e o filho sentiam a sua falta (*cf. Att.* 4.18.5, de finais de Outubro ou inícios de Novembro de 54). O liberto terá mesmo acompanhado Marco e Cícero durante o próconsulado deste último na Cilícia, entre 51 e 50 (*cf. Att.* 5.9.3, de Junho de 51, remetida de Áccio, quando se encontravam já em plena viagem). Cícero elogiou por

de o educar pessoalmente.²⁵ Numa carta datada de Maio de 54 que dirigiu ao irmão, mostrando-se disponível para acompanhar os estudos do sobrinho Quinto Cícero, confessou ter adquirido alguma prática nesta matéria, quando, durante as férias, orientou os estudos do seu próprio filho:

Na verdade, a minha maior preocupação será ver o teu Cícero (ou o nosso) todos os dias e verificar o maior número de vezes possível o que está a aprender; e, se ele não rejeitar essa hipótese, tornar-me-ei até seu professor, tendo adquirido alguma prática nesta ocupação, ao acompanhar nos tempos livres destes dias o nosso Cícero mais novo.²⁶

Durante a sua ausência, entregava a erudição dos *Cicerones pueri* a um *rhetor*.²⁷ No que diz respeito a outros aspectos da formação, Cícero assumia todas as responsabilidades:

diversas vezes as suas virtudes pedagógicas, apesar das queixas dos dois jovens primos relativamente ao carácter irascível que parecia ter (cf. *Att.* 6.1.12, de Fevereiro de 50). *Vide*, também, *Att.* 7.4.1, de Dezembro de 50. Em *Att.* 7.7.1 e 7.8.1, de Dezembro de 50, e 7.18.3, de Fevereiro de 49, Cícero exprimiu algumas reticências em relação ao carácter aparentemente pouco fiel de Dionísio; ao que parece, este não atendera o pedido feito pelo Arpinate de acompanhar os seus pupilos, que se haviam refugiado em Fórmias, quando rebentou a guerra civil. Essas reticências deram lugar a queixas por parte do estadista, que chegou mesmo a acusá-lo de ingratidão, tagarelice e falta de aptidão para o ensino (cf. *Att.* 8.4.1, de Fevereiro de 49). Cícero chegou até a escrever-lhe uma carta violenta. Pediu, no entanto, a Ático que a interceptasse antes de chegar às mãos do libertos, já que aquele lhe tinha ido pedir desculpas (cf. *Att.* 8.5.1, de Fevereiro de 49). Entretanto, porque não chegou a acordo com ele, deixou-o ir embora, desgostoso por perder o mestre do filho e do sobrinho, mas aliviado por ver partir um homem ingrato (*Att.* 8.10, de Fevereiro de 49). *Vide*, ainda, *Att.* 9.12.2, de Março de 49; 9.15.5; 10.2.2; 10.16.1). Algum tempo depois, Dionísio viria, novamente, a cair nas boas graças de Cícero (*Att.* 13.2b, de Maio de 45). *Leiam-se*, também, Treggiari (1969) 119-121; Bonner (1977) 30-32.

- 25 Alguns Romanos, como Cícero, tomaram a seu cargo a educação dos próprios filhos. Catão-o-Antigo e Emílio Paulo, por exemplo, decidiram retirar-se da vida pública para ensinar os filhos a contar ou para os acompanhar em cerimónias solenes, como atestam alguns fragmentos da *Ara Pacis*. Este costume antigo não foi, todavia, universalmente adoptado. De facto, como afirma Paoli (1999) 167, “from the end of the Republic onwards most men either entrusted their sons’ education to a tutor, usually a Greek, or sent him to school (*ludus, ludus litterarius*).”
- 26 *Q. fr.* 2.13.2, de Maio de 54. Cícero, a pedido do irmão, tomou igualmente a seu cargo a educação do sobrinho (cf. *Q. fr.* 3.1.19, 3.7.9 e, sobretudo, 3.3.4, em que transmitiu a Quinto o que entendia ser o método de ensino mais adequado). No verão de 51, chegou mesmo a levá-lo consigo para a Cilícia (cf. *Att.* 5.17.3; 5.18.4; 6.1.12) e, a pedido do pai, impôs-lhe a toga viril (cf. *Att.* 5.20.9; 6.1.12). Cícero acompanhou-o na fase difícil do divórcio dos pais, que coincidiu com a sua estadia na Cilícia (cf. *Att.* 6.2.1-2; 6.3.8; 6.7.1; 6.9.3).
- 27 Cf. Paoli (1999) 170: “The *rhetor* was the teacher of eloquence; at his school boys were prepared for public life by enlarging their culture through the further study of classical texts, the emphasis

O nosso Cícero, durante a minha ausência, não teve um minuto de descanso com o professor de retórica. Quanto à sua instrução, não há motivo para ficares preocupado, pois conheces o talento dele e eu sou testemunha da sua dedicação. Eu encarrego-me de tudo o resto que lhe diz respeito, como julgo que é meu dever assumir essa responsabilidade.²⁸

Em dias de jogos, que, na verdade, abominava, aproveitava para levar o filho consigo para a *uilla* de Túsculo, com o objectivo de o instruir:

Escrevo esta carta no dia 24 de Outubro, dia em que têm início os jogos, enquanto parto para Túsculo e levo comigo o meu Cícero, para aprender, não para brincar aos jogos.²⁹

As viagens por países de civilização antiga constituem um meio magnífico de instrução e de enriquecimento cultural. Cícero, que bem o sabia, em Junho de 51, quando partiu para o governo da Cilícia, levou consigo Marco³⁰ e o sobrinho Quinto. Nesse verão, visitaram a Grécia,³¹ Éfeso,³² Laodiceia³³ e outras cidades importantes da Ásia Menor.³⁴ Atendendo ao facto de Marco ser ainda muito jovem – contaria, então, perto de catorze anos –, é difícil sabermos se teria já a sensibilidade estética necessária para apreciar os tesouros de arte e de civilização dos lugares que visitava. Note-se, todavia, que era normalmente a partir desta idade que os pais começavam a preparar os filhos para a vida pública.

being mainly laid on prose writers, and trained in the difficult art of speaking according to a carefull though out system.”

28 *Q. fr.* 3.1.14, de Setembro de 54.

29 *Q. fr.* 3.4.6, de Outubro de 54.

30 Prova de que o jovem foi com o pai é o facto de Cícero, já em Áccio, poucos dias antes de chegarem a Atenas, enviar, por carta, lembranças, do filho, a Ático: *Att.* 5.9.3.

31 Chegaram a Atenas no dia 24 de Junho (*Att.* 5.10.1). A beleza desta cidade e a afabilidade dos seus habitantes agradaram particularmente a Cícero (*Att.* 5.10.5).

32 A chegada deu-se a 22 de Julho (*Att.* 5.13.1).

33 Alcançaram Laodiceia no dia 31 de Julho (*Att.* 5.15.1).

34 Enquanto o pai cumpria os seus afazeres de governador da Cilícia, Marco Cícero, juntamente com o primo e guiado por Dejótaro (filho de Dejótaro, rei da Galácia, defendido por Cícero diante de César, com o *Pro rege Deiotaro*), deverá ter visitado outros sítios. *Cf. Att.* 5.17.3; 5.18.4; 5.20.9.

De regresso a Roma, em 50, passaram por Tarso (*cf. Att.* 6.7, *Fam.* 2.17; 15.11, escritas e enviadas dessa cidade, em Julho de 50) e terão visitado a cidade de Rodes, antes de passarem novamente por Éfeso e Atenas. *Cf. Att.* 6.7.2, de Julho; *Fam.* 2.17.1, de 18 de Julho; *Att.* 6.8.1, de 1 de Outubro; *Fam.* 14.5.1, de 16 de Outubro.

Entendia-se que os jovens atingiam a idade adulta entre os catorze e os dezasseis anos (*apud* Rawson, 1986: 41).

Em Novembro do ano seguinte, pai e filho regressaram a Itália,³⁵ mesmo nas vésperas da guerra civil entre César e Pompeio. A iminência do conflito preocupava Cícero seriamente;³⁶ estava particularmente ansioso pelo destino do filho. Inicialmente, embora com algumas hesitações, ainda pensou enviá-lo para a Grécia, no intuito de o proteger dos horrores e massacres que as guerras costumam comportar:

Pensava na conveniência de enviar os rapazes para a Grécia, quando o que parecia pretender-se era a fuga de Itália.³⁷

Três meses depois, porém, mudou de ideias e decidiu mantê-lo na casa de Fórmias, na companhia da irmã e da mãe.³⁸

A estadia foi, no entanto, breve. O pai depressa percebeu que o seu lugar era ao lado de Pompeio, e o jovem, apesar de ter tentado demover o pai de o fazer,³⁹ acabou por decidir participar directamente na guerra civil, ao lado daquele. Assim, pouco tempo depois de atingir a maioridade (com a imposição da toga viril, em Arpino),⁴⁰ nos primeiros dias de Junho de 49, embarcaram ambos em Caieta para Dirráquio.⁴¹ Sob a égide do pai, Marco começava a dar os primeiros passos na aprendizagem da vida militar e política.

35 *Cf. Att.* 7.2.1.

36 *Cf. e.g. Att.* 7.5.4; *Att.* 7.6.2.

37 *Att.* 7.17.1 (Fevereiro de 49); *cf.* 7.17.4; 7.13.3 (Janeiro de 49).

38 *Cf. Fam.* 16.12.6, de 27 de Janeiro de 49; *Att.* 7.18.1, de 3 de Fevereiro; 7.20.2, de 5 de Fevereiro; 7.26.3, de 13 de Fevereiro (?).

39 Alguns amigos e, sobretudo, os familiares de Cícero, que entretanto haviam recebido uma mensagem de Célio nesse sentido, aconselharam-no a esperar pelo resultado dos combates que opunham, na Hispânia, os exércitos de César e de Pompeio, antes de deixar Itália, para se juntar àquele último. Cícero, sem abandonar o seu plano, acabou por ceder às pressões dos que lhe estavam mais próximos, admitindo aguardar pelo resultado das operações militares e retirar-se, provisoriamente, para Malta, como, aliás, Célio lhe havia sugerido (*cf. Fam.* 8.16.5, de 16 de Abril; Beaujeu (2002) v. 6, 43 *sq.*). Ficara especialmente comovido com as lágrimas do filho, que não queria ver o bom nome do pai manchado pela desonra (*cf. Att.* 10.9.2, de 3 de Maio).

40 Este período foi particularmente difícil para Cícero (*cf. Att.* 9.17.1), pelo que se tornara impossível impor a toga ao filho em Roma. O filho terá recebido a toga no dia 31 de Março (*cf. Beaujeu* (2002) v. 6, 10). *Cf. Att.* 9.6.1, de 11 de Março de 49; 9.18.2, de 28 de Março; 9.19.1, de 1 ou 2 de Abril de 49.

41 É o que podemos constatar da leitura da carta de despedida que enviou à esposa e à filha (*cf. Fam.* 14.7.3).

Cabia ao *paterfamilias* preparar os filhos para a vida pública. É, por conseguinte, provável que, por essa altura, Cícero já o tivesse levado consigo para a cidade, apresentado aos amigos e permitido que observasse a vida no *Forum*, assistindo a reuniões públicas, observando os tribunais e, como membro de uma família senatorial, escutando, ainda que a partir do exterior da Cúria, os debates do Senado.⁴² Ao atingir a maioridade, o jovem romano tornava-se cidadão na plena acepção do termo, com a concessão do direito de voto e da possibilidade de seguir uma carreira política. O pai, entendendo que o filho estava preparado para assumir as responsabilidades inerentes à vida adulta, e porque era da sua competência integrá-lo na vida pública, levava-o então consigo, na companhia de amigos, para que fosse inscrito na lista dos cidadãos. Tendo em conta que o filho era inscrito na divisão de voto (*tribus*) do pai e que iria depender da mesma rede de contactos, era certamente grande a pressão exercida sobre o adolescente para que fizesse as mesmas escolhas que o pai (*apud* Rawson, 1986: 41).⁴³

Na batalha de Farsalo,⁴⁴ tendo acabado de completar dezassete anos, Marco comandou, com bravura, um esquadrão de cavalaria, feito pelo qual veio a merecer o elogio de Pompeio.⁴⁵ A estreia do jovem no serviço militar pautou-se, pois, pelo sucesso, ainda que o exército pompeiano tenha sido vencido.

Em 46, graças à intervenção do pai, Marco, juntamente com o primo e com M. Césio, tornou-se edil em Arpino, dando, assim, mais um passo para a sua entrada no mundo da política. Foi isso mesmo que Cícero comunicou a M. Bruto, quando lhe pediu que os apoiasse nas novas funções:

42 Cf. Rawson (1986) 40 *sq.*; Taylor and Scott (1969) 533.

43 Cf. *ibidem*: “It was probably these circumstances – the early age of admission to voting rights, the ceremonial surrounding the coming of age, the political inexperience of the boy, and the basis of electoral support – rather than the effect of *patria potestas* that strengthened a boy’s natural inclination to adopt his father’s political attitudes.” A dependência monetária do filho em relação ao *paterfamilias* também contribuía grandemente para que pai e filho perfilhassem os mesmos ideais de vida pública. Como afirma a mesma autora, na p. 17, “a generation gap is hardly possible in such circumstances.”

44 A batalha de Farsalo teve lugar a 9 de Agosto de 48.

45 Cf. *Off.* 2.45. *Vide*, ainda, Stockton (1971) 262; Bradley (1991) 105, onde se afirma: “Even if the military command Marcus held under Pompeius when he was only sixteen was little more than honorific, the dangers and excitement of Pharsalus can scarcely have failed to make an impression.”

De facto, a fim de consolidar o município, quis que o meu filho, este ano, fosse nomeado edil, bem como o filho do meu irmão e M. Césio, pessoa muito próxima de mim. Esta magistratura, na verdade, e nenhuma outra, é a que se costuma eleger no nosso município. Honrar-nos-ás, e sobretudo a mim, se a ecomomia do município, graças ao teu empenho e diligência, for bem administrada. Peço-te encarecida e insistentemente que o faças.⁴⁶

A derrota do exército pompeiano não extinguiu o ardor belicoso e o espírito aventureiro de Marco. De facto, no final de 46, decidiu partir para a Hispânia, desta vez, para se unir ao exército de César, contra o qual, até então, havia combatido. No Outono desse ano, Ático informou Cícero de que o jovem tinha em mente duas coisas: ir para a Hispânia, ao encontro de César, e pedir ao pai uma mesada generosa.⁴⁷ Quanto a esta última, o pai respondeu ao amigo ter explicado ao filho ter em mente conceder-lhe uma mesada semelhante à que o cônsul Públio Cornélio Lêntulo Espínter e o *flamen* Lúcio Lêntulo Nigro haviam dado aos filhos.⁴⁸ Já quanto ao projecto de ir para a Hispânia, afirmou ter tentado dissuadi-lo, advertindo-o, por um lado, para a eventual reprovação que tal atitude poderia gerar entre os pares, e, por outro, para a tristeza que o próprio iria certamente sentir quando percebesse ter sido ultrapassado em amizades e influências de todo o tipo pelo primo, Quinto Cícero, que tomara o partido de César bastante tempo antes:

No que diz respeito à Hispânia, disse duas coisas: em primeiro lugar, o mesmo que a ti, que temo as críticas. (...) Depois, que sofrerá quando se vir superado pelo primo em amizades e influências de todo o tipo.⁴⁹

Na verdade, o *paterfamilias* tinha outros planos para o filho⁵⁰ – enviá-lo para Atenas para continuar os seus estudos – e Marco acabaria,

46 *Fam.* 13.11.3, de 46.

47 *Att.* 12.7.1.

48 *Cf. ibidem.* Estes *Lentuli* eram velhos amigos de Cícero. Para mais informações acerca da identidade destes homens, *vide* Shackleton Bailey (1965-1970) v. 5, 305, nota 7 *ad loc.*.

49 *Att.* 12.7.1.

50 Era ao pai que assistia, entre outros, o direito de decidir o futuro dos filhos. Gardner (1986) 146, afirma: “The *potestas* of a father over his legitimate children included the right to custody of the child and, as well as those powers of discipline and punishment (...) and the ownership of all property acquired by the children, it also included powers which might be classed as ‘care and control’. The father would have the final on such matters as the child’s education and marriage, where the child would live and so on.” Mesmo depois do divórcio, o pai mantinha *potestas* sobre

efectivamente, por desistir da ideia de ir para a Hispânia. A exemplo de muitos outros jovens, e do próprio pai, iria aperfeiçoar os seus estudos de filosofia e de retórica em Atenas, em vez de ir combater ao lado de César. No Mediterrâneo oriental, existiam alguns mestres que gozavam de excelente reputação. Tal levou a que algumas das famílias mais favorecidas dos tempos da República tivessem deixado os filhos ir estudar para fora durante longos períodos de tempo com esses mestres (*apud* Rawson, 1986: 39).

Assim, em Março do ano seguinte (45), considerando ter chegado o momento ideal para a partida do filho,⁵¹ Cícero consultou Ático sobre a melhor forma de garantir o financiamento de uma eventual estadia em Atenas, isto é, se Marco poderia receber o dinheiro através de uma letra de câmbio ou teria de levar consigo para a Grécia a quantia correspondente à anuidade.⁵²

Quanto ao Cícero, parece que já está na hora; mas pergunto se a quantia de que necessita pode ser disponibilizada mediante letras de câmbio em Atenas ou se tem de levá-la consigo (...).⁵³

Alguns dias depois, encarregou o amigo de fazer a Marco uma proposta: para que ele pudesse manter-se em Atenas, estava na disposição de lhe ceder entre 80.000 a 100.000 sestércios, provenientes do aluguer dos imóveis do Argileto e do Aventino, que faziam parte do dote da ex-

os filhos, pelo que Cícero, separado de Terência desde o final de de 47, assumiu inteiramente a responsabilidade de zelar pela educação de Marco. *Cf. ibidem. Vide* ainda Rawson (1986) 16 *sq.*

51 Em Julho, Marco completaria vinte anos.

52 Marco, na qualidade de *filiusfamilias*, não podia deter quaisquer bens. Enquanto o *pater* fosse vivo, era dele que dependia a subsistência do filho. *Cf. Gardner* (1986) 9, onde se afirma: "Persons in *potestate* could own no property. Anything given or bequeathed to them belonged to the *pater*. The principle, despite its manifest inconveniences, and indeed absurdities, remained throughout the classical period. A son might be a grown man, with an active commercial or professional career, active in public life, even a leading magistrate, married and with children, and yet legally own nothing." Uma forma de contornar esta situação consistia em permitir ao filho gerir determinada quantia de dinheiro, um *peculium*, para fazer faces aos gastos pessoais (*cf. Rawson* (1986) 16 *sq.*). Cícero terá recorrido a este expediente quando decidiu enviar Marco para Atenas. Leia-se ainda Dixon (1984) 93.

53 *Att.* 12.24.1. Três dias depois, Cícero voltaria a fazer uma breve alusão a este assunto, dizendo que iria aceitar a sugestão de Ático, ou seja, permitir ao próprio Marco a escolha do momento ideal para partir (*Att.* 12.27.2).

mulher e que, ao que parece, ele tivera para esse fim.⁵⁴ No seu entender, estes rendimentos seriam suficientes se Marco optasse por alugar uma casa em Roma, como inicialmente pensara fazer:⁵⁵

Gostaria que proponhas ao Cícero o seguinte, se, todavia, tal não te parecer injusto: que acomode as despesas desta estadia no estrangeiro às rendas do Argileto e do Aventino, com as quais facilmente se teria contentado se permanecesse em Roma, como pensava fazer.⁵⁶

Pedi, ainda, a Ático que, depois de feita a proposta, se encarregasse pessoalmente da gestão desses rendimentos, isto é, de fazer com que o dinheiro necessário ao sustento de Marco em Atenas lhe fosse sendo disponibilizado:⁵⁷

E depois de lhe teres feito esta proposta, gostaria que tu pessoalmente organizasses o resto, ou seja, o modo como lhe poderemos proporcionar a quantia de que precise a partir destas rendas.⁵⁸

Admitindo, quiçá, a hipótese de o filho vir a exigir mais do que o pai oferecia, foi dizendo a Ático ter conhecimento de que outros três jovens oriundos de famílias nobres, futuros estudantes em Atenas, não iriam dispor de uma quantia superior à que aquelas rendas proporcionavam:

54 É esta a opinião de Shackleton Bailey (1965-1970) v. 5, 326, nota 2 *ad Att.* 12.32.2 e de Beaujeu (2002) v. 8, 31 *sq.*. Aquele refere que os imóveis em questão consistiam em *insulae* ‘casas’ (cf. *Att.* 15.17.1) que faziam parte do dote de Terência (cf. *Att.* 15.20.4), bens aparentemente retidos por Cícero depois do divórcio para benefício do filho. Dixon (1984) 94 *sq.* partilha desta opinião.

55 Como afirma Dixon (1984) 93, “A senatorial youth like Marcus Cicero was dependent on his father for his livelihood: as a *filiusfamilias*, he could not, strictly speaking, own or alienate property on his own account. Cicero was liable for Marcus’ debts (...)” Esta dependência económica do pai não era, todavia, factor impeditivo do seguimento de uma carreira política independente – embora tal não fosse muito usual – e até de uma existência desafogada. O pai podia custear-lhe o aluguer ou até a compra de casa própria. Cf. Rawson (1986) 17.

56 *Att.* 12.32.2.

57 Atendendo à condição social de Cícero, era perfeitamente normal que este se preocupasse com o conforto material do filho. Leia-se, a propósito, o que afirma Bradley (1991) 103: “When a son was born to parents of aristocratic status in Rome of the central period, it can be assumed that the child’s early years were spent in relative ease and comfort. By definition, as the boy was educated and groomed to take his eventual place among the ranks of his social peers in the public life of the community, his material needs were automatically met, so that economic hardship and deprivation were largely unknown to him.”

58 *Att.* 12.32.2.

Garantirei que nem Bíbulo, nem Acidino, nem Messala, que, ouço dizer, irão estar em Atenas, farão gastos superiores ao que se receberá destas rendas.⁵⁹

Ático encarregar-se-ia, também, de encontrar arrendatários cumpridores e de estudar a quantia necessária à viagem para Atenas e à aquisição do equipamento indispensável à instalação do jovem naquela cidade:

Assim, gostaria que vejas primeiro quem são os arrendatários e quanto pagam; depois, que sejam dos que paguem pontualmente; e também a quantia suficiente para a mudança e para a equipagem.⁶⁰

O pai, generosamente, quiçá na esperança de que o conforto favorecesse o proveito nos estudos, procurou proporcionar a Marco uma estadia digna e confortável o mais possível.⁶¹ Eram, por isso, constantes os apelos a Ático no sentido de que nada faltasse ao jovem. Disso, aliás, dependia a sua reputação social:⁶²

É, pois, vergonhoso para mim que ele, seja de que índole for, passe necessidades.⁶³

Estes pedidos intensificaram-se, em Junho de 44, quando Cícero soube que a desonestidade do seu agente, Eros, havia provocado embaraço financeiro a Marco. O jovem havia escrito a Tirão, secretário pessoal do pai, informando-o de que, depois do dia 1 de Abril, ou seja, um ano depois de ter ido para a Grécia, ainda não havia recebido o dinheiro necessário à sua manutenção por mais um ano naquele país, apesar de gasta

59 *Ibidem*. Lúcio Calpúrnio Bíbulo era o único filho vivo do cônsul de 59 e de Pórcia, filha de Catão. Uniu-se a Marco Bruto em 43; depois da batalha de Filipos, passou para o lado de António. Morreu como governador da Síria, em 32. Quanto a Acidino, pensa-se ser descendente dos *Manlii Acidini*, uma família influente da primeira metade do século II. Messala, por sua vez, será Marco Valério Messala Corvino, filho de Messala Nigro (cf. Shackleton Bailey (1965-1970) v. 5, 326, nota 7 *ad loc.*).

60 *Att.* 12.32.2.

61 Cícero esperava que o filho correspondesse à generosidade do pai com estudo e trabalho (*Off.* 3.6).

62 Cf. *Att.* 14.7.2; 14.16.4.

63 *Att.* 13.47, de Agosto de 45. Depois deste, seguiram-se outros pedidos: *Att.* 14.11.2 (Abril de 44); 14.17.5 (Maio de 44).

a primeira soma anual transferida para Atenas. O pai, comovido com o facto de Marco nada lhe ter contado, pediu ao amigo, uma vez mais, que transferisse para Atenas a quantia necessária a uma estadia digna naquela cidade, até porque era a sua reputação social que estava em questão:⁶⁴

O nosso Cícero quanto mais modesto se mostra, tanto mais me comove. Sobre este assunto, na realidade, nada me escreveu, a quem, sem dúvida, deveria tê-lo feito em primeiro lugar; escreveu, porém, a Tirão o seguinte: que desde o primeiro de Abril (pois, então, cumpre-se uma anuidade) não se lhe tinha dado nada. Sei, pela tua natureza, que sempre te pareceu bem, e consideraste inerente à minha própria condição, que ele seja tratado por mim não apenas com grande liberalidade, mas também com luxo e opulência. Por esse motivo, peço-te que te encarregues (e não te aborreceria se pudesse fazer isto por intermédio de outra pessoa) de que seja transferida para Atenas a quantia necessária às despesas de um ano.⁶⁵

Para fazer face às despesas, Ático adiantou-lhe 100.000 sestércios e informou o amigo dessa operação. Cícero sugeriu-lhe então que cobrasse a soma a Eros, já que este havia recebido as rendas dos alugueres dos imóveis situados no Argileto e no Aventino:⁶⁶

Quanto ao que me escreves de que te faltam cem mil sestércios, que foram proporcionados ao Cícero, pergunta, por favor, a Eros onde é que está a renda das casas.⁶⁷

Depois de lhe ter comunicado a intenção de interrogar Eros acerca das suas finanças, Cícero agradeceu ao amigo o empenho que revelara para que nada faltasse ao filho:

Tomei conhecimento das contas de Eros por intermédio de Tirão e chamei-o a ele pessoalmente. Estou-te muito grato por garantires que nada vai faltar ao Cícero.⁶⁸

64 Dixon (1984) 94 comenta desta forma as preocupações de Cícero: "It was partly affection which prompted the wish, but also a matter on Cicero's own standing."

65 *Att.* 15.15.4.

66 Como afirma Dixon (1984) 95, "the HS 100,000 advanced to Marcus by Atticus appears to have been in lieu of the second annual payment which the agent Eros had failed to transfer."

67 *Att.* 15.17.1.

68 *Att.* 15.17.2.

Uma vez que o produto desses alugueres não ficou imediatamente disponível, Ático comunicou ao cunhado a necessidade de fazer um empréstimo de 200.000 sestércios por cinco meses, para poderem fazer face às despesas. Cícero pediu-lhe que se encarregasse de fazer essa operação, já que ele próprio se não encontrava em Roma:

Escreves que é necessário fazer um empréstimo por cinco meses, isto é, até ao primeiro de Novembro, de duzentos mil sestércios; (...). Queria, pois, já que Tirão assegura que não te parece razoável que eu me desloque a Roma por esse motivo, que, se esse assunto não te incomoda, vejas de onde levantar o dinheiro e mo debites.⁶⁹

Ático acabou por conseguir um empréstimo de 210.000 sestércios, quantia que excedia o produto do aluguer dos imóveis. Cícero, no sentido de orientar os gastos do filho, deu instruções precisas ao amigo relativamente à administração desse dinheiro. Como soubera, através de Óvio,⁷⁰ que, para o filho, seriam suficientes os prometidos 80.000 sestércios anuais – ainda que Xénon⁷¹ lhos fosse entregando com alguma parcimónia –, determinou que o empréstimo conseguido serviria para cobrir a anuidade que o jovem ainda não havia recebido, mas que o restante se destinaria a liquidar despesas que remontavam ao ano anterior, relativas à viagem por ele feita para Atenas:

Com respeito aos duzentos e dez mil, óptimo. Há que esclarecer as contas do Cícero; com efeito, Óvio acaba de chegar. Ele, muitas coisas que eu queria ouvir, incluindo, entre outras mensagens, esta, que não é má: para ele são mais que suficientes os oitenta mil sestércios, bastantes até, mas Xénon disponibiliza-os muito parcamente e *com mesquinhez*. A quantia em que a tua letra de câmbio excedeu o rendimento dos imóveis deve ser afectada àquele ano ao qual se acrescentaram as despesas da viagem. Este

69 *Att.* 15.20.4.

70 Julgamos tratar-se de um colega de Marco em Atenas ou de alguém da confiança de Cícero. Segundo Shackleton Bailey (1965-1970) v. 6, 282, nota *ad Att.* 16.1.5: “Nothing is known of Ovius.”

71 Segundo Shackleton Bailey (1965-1970) v. 6, 390, nota 1 *ad Att.* 13.37.1, Xénon ficara incumbido de proporcionar a Marco Túlio tudo o que fosse necessário durante a sua estadia em Atenas (*cf. Att.* 13.37.1). Xénon teria proposto custear a estadia do jovem como forma de pagamento de uma dívida que contraíra com Cícero ou com Ático (*cf.*, ainda, 14.16.4; 15.21.2; 16.1.5; 16.3.2).

ano, a partir do dia 1 de Abril, que se acomode aos oitenta mil sestércios; é que neste momento os imóveis rendem tão-somente isso.⁷²

Preocupado com o futuro do filho, discutiu com o amigo o problema do sustento do jovem depois do seu regresso a Roma. Ao que parece, chegou a equacionar casar o filho com alguém que levaria consigo para o casamento um dote generoso. A mãe da candidata, porém, parecia não reunir as condições que considerava necessárias:⁷³

É preciso pensar no que faremos quando ele estiver em Roma; na verdade, não creio que aquela mulher seja suportável como sogra.⁷⁴

Um ano depois de Marco ter ido estudar para Atenas, ou seja, em Abril de 44, começaram a surgir as primícias das aulas de retórica recebidas na Grécia. É famoso o purismo do orador que, nas cartas que enviava ao filho, não deixava de lhe recordar as exigências de uma correcta linguagem.⁷⁵ Ora, o estilo de uma carta que o filho entretanto enviara, de Atenas, ao pai, muito agradara ao orador, que via, assim, cumprir-se um dos principais objectivos da viagem:

Chegou-me uma carta de Cícero verdadeiramente *envolta numa pátina de estilo clássico* e razoavelmente extensa. O resto pode ser fingido, a *pátina do estilo* da carta indicia que ele está mais instruído.⁷⁶

72 *Att.* 16.1.5.

73 Era necessário o consentimento do pai para que Marco pudesse casar. *Cf.* Gardner (1986) 10 e 41, em que se afirma: “The father’s consent was apparently necessary in law at all times. In the Republic, he could prevent a marriage.”

74 *Att.* 16.1.5. Shackleton Bailey (1999) v. 4, nota 6 *ad loc.*, afirma, a respeito desta questão: “Nothing is known of the match proposed for M. Cicero junior.” Beaujeu (2002) v. 9, 285, nota 3 *ad* 239), todavia, afirma: “Cicéron avait en vue un riche mariage pour son fils, ce qui aurait résolu le problème de ses moyens d’existence, après son retour à Rome; mais, apparemment, la mère de la candidate n’était pas acceptable comme belle-mère.” Como afirma Treggiari (1991) 96, “to an upper-class man at first marriage, particularly if he had not yet inherited family property, his wife’s dowry could be expected to bring essential capital at an important moment in his career.” Ora, Cícero, esperando que Marco, assim que regressasse de Atenas, iniciasse uma carreira política, perspectivava o casamento do filho como uma alternativa ao dinheiro que recebia do pai para se sustentar.

75 Quint., *Inst.* 1.7.34.

76 *Att.* 14.7.2. A propósito da expressão “carta envolta numa pátina de estilo clássico” (*litterae πεπιωμένως scriptae*), que volta a surgir na carta *Att.* 15.16, explica Shackleton Bailey (1965-1970) v. 6, 218, nota 2 *ad loc.*: “πίνος is literally patina on bronze. In a literary context it denotes

Orgulhoso, aplaudia os seus progressos.⁷⁷ A pensar no bem-estar e na educação de Marco, não só encarregara Xénon de controlar os gastos do jovem, como incumbira Leónidas⁷⁸ e Herodes⁷⁹ de o manterem regularmente informado de todos os passos do filho.

Não obstante, porém, os progressos revelados nos estudos, não foi preciso muito tempo para que o pai começasse a ficar apreensivo com alguns rumores que lhe iam chegando de Atenas sobre o comportamento do filho.⁸⁰ Em Maio, as palavras de Leónidas já não o tranquilizavam:

Na verdade, a carta de Leónidas que me enviaste, pergunto-te, que tem de especial que possa deixar-nos contentes? Nunca me parecerá que ele é suficientemente elogiado enquanto for elogiado nestes termos: “como está até agora”. Não é este o testemunho de alguém que está confiante, é mais o de alguém que está apreensivo.⁸¹

A simples ausência de notícias por parte de Herodes levava-o a temer o pior:

Por outro lado, tinha incumbido Herodes de me escrever *amiúde*; até ao momento, porém, não recebi carta alguma. Receio que não tivesse nenhuma informação que, em sua opinião, me iria agradar quando dela me inteirasse.⁸²

Leónidas mantinha algumas reservas relativamente ao comportamento do jovem na Grécia, mas Herodes, em contrapartida, quando escrevia, tecia elogios a respeito dele. Cícero preferia acreditar na boa

an agreeably old-fashioned quality of style or, with a slightly different nuance, classical correctness without slang or neologisms – for which C. was a stickler.”

77 Cf. *Att.* 14.11.2.

78 Leónidas era um dos companheiros de Marco em Atenas. Periodicamente, tal como Herodes, aliás, escrevia a Cícero a dar conta do que Marco ia fazendo. Cf. *infra*, *Att.* 14.16.3 e, ainda, 14.18.4, 15.16 e *Fam.* 16.21.5.

79 Cf. *infra*, *Att.* 14.16.3, de Maio de 44, e *Att.* 15.16, de Junho(?) de 44.

80 Pouco tempo depois de o filho ter partido para Atenas, isto é, em finais de Maio, Cícero mostrou-se grato a Ático pelo facto de este ter escrito a Marco e a dois dos seus colegas, o Túlio Montano e Túlio Marciano, ao que parece, para lhes dar alguns conselhos. O orador afirmou ainda ao amigo que ou as palavras dele produziriam efeito nos jovens, ou, então, teriam de deixar de se preocupar (*Att.* 13.1.1).

81 *Att.* 14.16.3.

82 Cf. *ibidem*.

conduta do filho; Marco escrevia pouco, é certo, mas, quando o fazia, deixava o pai orgulhoso do estilo que usava na redacção das suas cartas:

Finalmente, um correio da parte do Cícero; mas, por Hércules, a carta está escrita *com uma pátina de estilo clássico*, o que poderia indiciar algum *progresso*, e os outros, do mesmo modo, escrevem cartas excelentes. Leónidas, todavia, mantém aquele seu “até agora”; mas Herodes, na verdade, tece os maiores elogios. Que queres que te diga? Nesta questão deixo-me levar facilmente pelas palavras e gosto de me mostrar crédulo.⁸³

Na verdade, Cícero tinha motivos para isso. É que nem todas as notícias eram más. Ao pai, chegavam também cartas elogiosas, como a que Gaio Trebónio, acabado de chegar a Atenas,⁸⁴ escreveu, no final de Maio de 44. Nela referia-se a Marco como um jovem exemplar:

Cheguei a Atenas no dia 22 de Maio e aí, coisa que desejava muitíssimo, vi o teu filho entregue aos melhores estudos com uma elevada reputação em virtude da sua boa conduta.⁸⁵

Depois de advertir o amigo para o facto de os elogios por si tecidos em relação ao filho serem sinceros, Trebónio referiu a popularidade de que o jovem gozava em Atenas, bem como a sua dedicação aos estudos:

Não penses, meu caro Cícero, que quero afagar os teus ouvidos com esta informação. Não há ninguém mais apreciado para todos os que estão em Atenas do que o teu jovem filho ou, melhor, nosso – já que tu não podes ter nada que fique à margem de mim –, nem ninguém mais dedicado ao estudo das artes que tu aprecias de modo especial, isto é, das melhores.⁸⁶

O pai estava de parabéns pelo filho que tinha, e Trebónio congratulava-se com o facto de poder privar com um jovem da sua estirpe:

E assim, também te felicito de bom grado – coisa que posso fazer com sinceridade –, e não menos a mim mesmo, porque este, de quem era neces-

83 *Att.* 15.16

84 Trebónio seguia viagem para assumir o governo da província da Ásia que César lhe havia atribuído. *Cf.* Shackleton Bailey (1977) v. 3, nota 1 *ad loc.*.

85 *Fam.* 12.16.1.

86 *Ibidem.*

sário gostar, fosse qual fosse a sua natureza, têm-lo em tal consideração que também o estimamos de bom grado.⁸⁷

Marco manifestara o desejo de visitar a Ásia, pelo que o amigo do pai, na qualidade de governador, decidiu convidá-lo a viajar até àquela província. Antes, porém, terá prometido a Cícero acompanhar o jovem com o mesmo desvelo e afecto com que o pai o acompanharia:

Como me deu a entender em conversa que queria visitar a Ásia, não apenas o convidei, como também lhe pedi que o fizesse de preferência enquanto eu estivesse à frente do governo da província. Não tenhas dúvidas de que vou cumprir a minha obrigação para com ele com o mesmo amor e carinho com que tu o farias.⁸⁸

Para que Cícero não ficasse a pensar que a viagem representaria umas férias dos estudos, o amigo prometeu-lhe tomar providências no sentido de fazer acompanhar o jovem do seu mestre, Cratipo.⁸⁹

E tomarei também providências no sentido de que Cratipo esteja com ele, para que não penses que na Ásia vai haver férias dos estudos para os quais é estimulado com o teu incitamento.⁹⁰

Elogiando, uma vez mais, a dedicação de Marco aos estudos, o próprio Trebónio assumiu o compromisso de incentivar contínua e diariamente a aprendizagem do jovem:

Na verdade, preparado que está, segundo vejo, e avançando a passo acelerado, não deixarei de exortá-lo para que progrida cada dia mais na sua aprendizagem e exercitação.⁹¹

Cícero, todavia, quiçá porque tinha motivos para temer que o tom encomiástico desta e de outras cartas se devia à imensa simpatia nutrida

87 *Ibid.*

88 *Fam.* 12.16.2.

89 Filósofo peripatético que se mudou de Mitilene para Atenas, no final de 46, ou já em 45, e que deu aulas ao filho do orador. Segundo Plutarco, a pedido de Cícero, César concedeu ao filósofo a cidadania romana (*Plu., Cic.* 24.7-8). Cf. Shackleton Bailey (1977) v. 2, nota 5 *ad Fam.* 12.16.

90 *Fam.* 12.16.2.

91 *Ibidem.*

pelo jovem ou ao escasso conhecimento da sua conduta, não se deixou convencer. Tinha planeado esta viagem ao pormenor e esperava que o filho cumprisse os objectivos traçados. Até então, Marco não tinha brilhado pelo amor ao estudo. De facto, já no ano 50, em carta escrita, da Cilícia (Laodiceia), a Ático, Cícero, referindo-se aos dois jovens que o acompanhavam (o sobrinho Quinto e o filho Marco, que contava então quinze anos), reiterou aquilo que Isócrates havia dito de Éforo e Teopompo, isto é, que um tinha de ser refreado – Quinto, entenda-se – e o outro, por ser preguiçoso ou rebelde, espicaçado.⁹²

Quando decidiu enviar o filho para Atenas, foi com a esperança de que o contacto com colegas prestáveis, o magistério de Cratipo e a memória histórica da preclara cidade despertassem nele o gosto pelo estudo e o interesse pela filosofia.⁹³ No entanto, a influência de um mau mestre, Górgias, que era hábil em despertar nos jovens tendências menos boas,⁹⁴ em vez disso, despertou nele o gosto pelos prazeres fáceis.

O pai, porém, não podia resignar-se a ver destruídos todos os projectos que tinha feito para o filho, pelo que em de Abril de 44, cerca de um ano depois de Marco ter ido para Atenas, terá começado a ponderar a hipótese de se deslocar até à Grécia.⁹⁵ Inicialmente, tê-lo-ão movido razões de natureza exclusivamente familiar: sentia que a sua visita poderia devolver ao jovem a concentração nos estudos.⁹⁶ Posteriormente, tê-lo-ão também movido razões de natureza política; é que esta viagem à Grécia, como *legatus*, permitir-lhe-ia evitar o perigo de um massacre iminente.⁹⁷ Ao optar por esta solução, temia, no entanto, incorrer em algum tipo de reprovação, por abandonar a República num momento tão difícil:

92 Cf. *Att.* 6.1.12. Vide, ainda, *Orat.* 3.36; *Brut.* 204.

93 Cf. *Off.* 1.1.

94 Este mestre de retórica conheceu grande notoriedade em finais do governo de Augusto. A sua obra de retórica *Σχῆμα Διαβολῆς καὶ Λέξεως* foi apontada por Séneca-o-Velho como a fonte do tratado de Rutilio Lupo, o *De Figuris Sententiarum et Elocutionis* (cf. Münzer, *RE* 7.1604 sq.). Segundo Plutarco (*Cic.* 24.8-9), Górgias terá exercido má influência sobre o jovem Marco, levando-o a comportar-se de forma desregrada e boémia, pelo que Cícero terá, com justiça, procurado afastá-lo da companhia do filho, escrevendo-lhe uma carta, em língua grega e em tom irado, a manifestar o seu desagrado.

95 Cícero pensava poder fazer a viagem daí a três meses. Cf. *Att.* 14.7.2.

96 Cf. *D.C.* 45.15.4.

97 Cf. *D.C.* 46.3.2.

Se partir, conforme tinha decidido, na qualidade de legado para a Grécia, parece-me que até certo ponto evito o perigo de um massacre iminente, mas incorrerei em algumas críticas por ter abandonado a República num momento tão grave. (...) Além disso, há as considerações de natureza particular, pois sinto que é sumamente útil à estabilidade do Cícero que eu viaje até lá; e não tive nenhum outro motivo para partir quando tomei a decisão de me fazer nomear legado por César.⁹⁸

Decidiu que viajaria até à Grécia ao encontro do filho, logo que tal se revelasse oportuno, para ver de perto como estavam a correr os seus estudos e fazer com que regressasse ao bom caminho:

Agora, meu caro Ático, procura livrar-me de obstáculos; anseio por sair correndo para a Grécia, assim que tiver cumprido plenamente as minhas obrigações para com o nosso amigo Bruto. É de grande interesse para o Cícero ou, melhor, para mim, ou, por Hércules, para um e outro, que eu intervenha nos seus estudos.⁹⁹

Apesar da morte de César nos Idos de Março, sentia que de nada lhe valia estar em Itália; por outro lado, insatisfeito com as notícias que Leónidas lhe ia dando, pensava, de dia para dia, cada vez mais, na viagem até à Grécia:

Eu, pelo que vejo que se está a preparar, considero que não serviram de muito os Idos de Março. E por conseguinte, penso cada dia mais e mais na Grécia. (...) A carta de Leónidas não me agradou muito.¹⁰⁰

Nas vésperas da partida, ainda revelou a Ático as hesitações e preocupações que esta viagem lhe trazia à mente,¹⁰¹ mas admitiu, também,

98 *Att.* 14.13.4.

99 *Att.* 14.16.3, de Maio de 44.

100 *Att.* 14.18.4. No entanto, ainda em Maio, Cícero confessou a Ático que, apesar de ter decidido manter-se afastado de Roma, não tinha decidido definitivamente abandonar Itália (*Att.* 15.5.3). As hesitações eram muitas. *Cf.* *Att.* 15.18.1; 15.19.1; 15.20.4; 15.21.3 (neste último passo, como noutros, discute com Ático o local de embarque. *Cf.* *Att.* 16.4.4).

101 *Cf.* *Att.* 15.23. As hesitações relativas ao momento ideal para viajar foram muitas. (*cf. e.g.* *Att.* 15.25). O que mais lhe iria custar nesta viagem era a separação do amigo (*cf.* *Att.* 15.27.2). Outro inconveniente seria, tendo em conta a sua idade, a fadiga inerente a uma tão longa e difícil viagem. Por outro lado, parecia-lhe absurdo o momento escolhido para se ausentar: partiria de Itália com paz, para regressar com guerra, e iria consumir dias no estrangeiro que poderiam ser tranquilamente passados nas suas belas e aprazíveis *uillae* (*cf.* *Att.* 16.3.4).

que os benefícios que o jovem Marco Cícero poderia vir a colher desta visita compensariam o esforço despendido:

Uma coisa me consola: ou farei algo pelo Marco, ou avaliarei quanto se pode fazer.¹⁰²

A *legatio* acabou por ser aprovada.¹⁰³ Apesar da disparidade de opiniões relativamente à sua saída de Itália, acabou por ceder à pressão a que sentia estar sujeito.¹⁰⁴ Partiu, então, de Pompeios no dia 17 de Julho de 44.¹⁰⁵ Depois de ter passado por Vélia, Vibão e Régio,¹⁰⁶ partindo já de Leucópetra, rumou a Siracusa. Daqui, no dia 6 de Agosto, dirigiu-se para a Grécia, mas os ventos contrários lançaram-no para a costa de Leucópetra, tendo ficado alojado na *uilla* do seu amigo Valério.¹⁰⁷ No dia seguinte, foram visitá-lo alguns cidadãos acabados de chegar de Roma, que lhe comunicaram a vontade de António se submeter às decisões do Senado. Disseram-lhe ainda que as pessoas desejavam o seu regresso e que, de certa forma, criticavam a sua ausência da Urbe.¹⁰⁸ Tais notícias induziram-no a renunciar à viagem à Grécia e a regressar o mais depressa possível a Roma, para seguir mais de perto o curso dos acontecimentos.¹⁰⁹ O assassinato de César havia criado uma situação política difícil e o grande orador não podia ficar indiferente ao chamamento da pátria, pelo que desistiu da viagem.¹¹⁰

102 *Att.* 16.3.4

103 A 4 de Junho, Dolabela constituiu Cícero seu lugar-tenente honorário. A *libera legatio* que lhe foi concedida permitiria a Cícero viajar pelas províncias sem ter quaisquer deveres a desempenhar. *Cf. Phil.* 1.6; *Att.* 15.11.4; 15.29.

104 *Att.* 16.1.3; *Att.* 16.2.4.

105 De facto, na carta a Ático datada de 17 de Julho, pode ler-se que a mesma foi escrita durante o percurso que medeia entre a sua *uilla* de Pompeios e o local de embarque (*Att.* 16.3.6).

106 *Cf. Att.* 16.6.1; *Fam.* 7.19.

107 *Cf. Att.* 16.7.1.

108 *Cf. ibidem.*

109 Numa carta escrita a Trebácio Testa em finais de Julho de 44 (*Fam.* 7.19), Cícero comunicou ao amigo a intenção de regressar a Roma. Mais tarde, num bilhete escrito a Cornifício, Cícero disse ao amigo tê-lo escrito no decorrer de uma sessão do Senado (*cf. Fam.* 12.20: *haec cum essem in senatu exauri*), possivelmente aquela em que Cícero pronunciou a *Primeira Filípica*, ou seja, no dia 2 de Setembro. Nessa data, o orador já estaria, então, em Roma. *Cf. Beaujeu* (2002) v. 10, 23; *Shackleton Bailey* (1977) v. 2, 478, introd. *ad Fam.* 12.20.

110 *Cf. Cic., Off.* 3.121; *D.C.* 46.3.2.

Marco permaneceu em Atenas desde Março de 45 a Outubro ou Novembro de 44. É pouco provável que, nos últimos meses da sua estadia, tenha decidido dar ouvidos ao pai e adoptar um comportamento radicalmente oposto àquele que adoptara nos últimos meses. Da leitura da única carta que dele nos chegou, escrita no verão de 44, fica-nos, no entanto, a certeza da promessa de mudança.

Tirão informara-o dos rumores que a mudança – ou promessas de mudança – do seu comportamento haviam suscitado em Roma, pelo que Marco prometeu não desiludir as esperanças dos seus familiares e empenhar-se para que o juízo favorável que as pessoas faziam então de si crescesse de dia para dia. Os erros cometidos no passado, que tanto desgosto haviam causado ao pai, enchiam-no de arrependimento:

Não duvido, meu caríssimo Tirão, de que os rumores que chegaram sobre mim te agradam e correspondem aos teus desejos, e vou provar-te e esforçar-me para que esta opinião que começa a formar-se sobre a minha pessoa se torne, de dia para dia, cada vez mais sólida. Por isso, confirmo a tua proposta de te tornares arauto da minha reputação, e podes fazê-lo com total confiança; de facto, causaram-me uma dor e um tormento tão grandes os erros da minha juventude que não apenas a minha mente sente aversão a estes feitos, como também os meus ouvidos a qualquer recordação. (...) Assim, tendo tu então sofrido por minha causa, empenhar-me-ei agora em proporcionar-te o dobro da alegria.¹¹¹

Referiu, depois, os seus progressos nos estudos de filosofia e a diligência com que seguia as lições do filósofo Cratipo, que gostava de ouvir e cuja companhia muito apreciava:

Quero que saibas que estou muito ligado a Cratipo, não como um discípulo, mas como um filho; na verdade, não apenas o escuto com prazer, como também aprecio bastante o seu encanto pessoal.¹¹²

Marco confessou ainda passar grande parte do seu tempo com este mestre, que, durante a *cena*, costumava pôr de parte o ar sério de filósofo, para assumir uma atitude mais descontraída e cúmplice para com

111 *Fam.* 16.21.2-3.

112 *Fam.* 16.21.3.

o discípulo. Não admira, pois, que o jovem desejasse que Tirão o conhecesse pessoalmente:

Passo dias inteiros na companhia dele e muitas vezes parte da noite; na realidade, peço-lhe que jante comigo com muita frequência. Depois que se instituiu este hábito, ele aparece sem que dêmos por isso durante o jantar e, sem a austeridade própria da filosofia, brinca muito afavelmente conosco. Por isso, procura conhecer este homem tão especial, tão agradável e tão eminente, logo que possível.¹¹³

Estava decidido a seguir os conselhos do pai, que considerava Cratipo o mais proeminente filósofo da época.¹¹⁴ De facto, Cícero admoestava-o com frequência a respeitar os ensinamentos do mestre, a tornar-se digno da cidade que o acolhia e a não trair as esperanças que o pai nele depositava.¹¹⁵

Outro mestre com quem costumava privar era o retor Brútio.¹¹⁶ Este, além de levar uma existência frugal, tinha a capacidade de aliar o divertimento ao estudo. Marco, com o pouco dinheiro de que dispunha,¹¹⁷ decidiu custear o aluguer de um espaço próximo do local onde se encontrava instalado para o mestre que vivia com dificuldades. Na verdade, o jovem, que exercitava já, com Cássio,¹¹⁸ a *declamatio*¹¹⁹ em língua grega, pretendia exercitá-la também em Latim, com Brútio. Esta decisão agradaria, com toda a certeza, ao pai, que defendia o estudo combinado do Grego e do Latim não apenas na aprendizagem da filosofia, mas também na prática da oratória:¹²⁰

113 *Ibidem*.

114 Cf. *Off.* 3.5. Vide, ainda, *Off.* 1.2; 2.8.

115 Cf. *Plu.*, *Cic.* 24.8; *Cic.*, *Off.* 3.6. O empenho de Cícero na formação do filho ressalta ainda do proémio das *Partitiones oratoriae*. Ao lê-lo, recordamos o quanto Cícero gostava de acompanhar o filho no estudo da eloquência, e como alentava o desejo de ter em Marco um digno seguidor da sua arte.

116 Não existem informações acerca da identidade deste professor de retórica (cf. Beaujeu (2002) v. 9, nota b *ad Fam.* 16.21.4; Shackleton Bailey (1977) v. 2, 477, nota 1 *ad Fam.* 16.21.4).

117 Apesar de a anuidade concedida pelo pai ser mais do que suficiente, em Junho, Marco tinha-se queixado que Xénon lhe entregava o dinheiro com excessiva parcimónia (cf. *Att.* 16.1.5).

118 Segundo Shackleton Bailey (1977) v. 2, 477, nota 2 *ad Fam.* 16.21.5, “another unknown professor of rhetoric. The Roman name could conceal a Greek one (*Castorem? Cassandrum? Ctesiam?*)”.

119 O magistério do *rhetor* compreendia exercícios escritos e orais. Cf. Paoli (1999) 170.

120 Cf. *Off.* 1.1. A propósito, leia-se Paoli (1999) 170: “Greek was very widely spoken throughout the Roman world; the contacts which had existed from earliest times with Magna Graecia, the

E que posso eu dizer de Brútio, que em momento algum suporto que fique longe de mim? Não apenas o seu modo de vida é simples e austero, como é também muito agradável a sua companhia; com efeito, o divertimento não anda dissociado da erudição e do *debate* quotidiano. Aluguei-lhe uma casa muito próxima da minha e, conforme posso, sustento com os meus poucos recursos a sua indigência. Além disso, decidi exercitar-me na arte de declamar em Grego com Cássio, mas quero praticar em Latim com Brútio.¹²¹

Marco convivia com outros eruditos, nomeadamente, amigos e conhecidos de Cratipo que o filósofo havia trazido consigo de Mitilene. Privava ainda com Epícates¹²² e Leónidas, entre outras pessoas da confiança do pai:

Tenho por amigos íntimos e companheiros diários pessoas que Cratipo trouxe consigo de Mitilene, homens doutos e muito estimados por ele. Também está muitas vezes comigo Epícates, figura de proa de Atenas, bem como Leónidas e outros do mesmo género.¹²³

Em observância às sábias recomendações do pai, decidira não mais dar ouvidos aos maus conselhos do professor de retórica Górgias, ainda que reconhecendo a sua utilidade no exercício da *declamatio*. Não queria de forma alguma trair a confiança do *paterfamilias*:

Em relação, porém, ao que me escreves sobre Górgias, sem dúvida que ele me era útil na prática quotidiana da declamação, mas passei tudo para segundo plano, contanto que obedeça às regras impostas pelo meu pai; na verdade, ele tinha-me escrito *em termos claros* que o mandasse embora imediatamente. Não quis tergiversar, para que a minha *dedicação* excessiva não

residence in the oriental Hellenised provinces of many Roman soldiers and merchants, and, above all, the large number of Greek slaves in Roman families from whom children spontaneously learnt a second tongue, made the Romans a bilingual people. (...) with the passage of time the learning of Greek seemed so essential, particularly in aristocratic families, that elementary and secondary education began with it.”

121 *Fam.* 16.21.4-5.

122 Shackleton Bailey (1977) v. 2, 477, notas 5-6 *ad Fam.* 16.21.5, refere que este Epícates foi identificado por P. Graindor (*Athènes sous Auguste* (1927) 105 sq.) como sendo um filho de Calímaco que desempenhou importantes funções na cidade de Atenas, no início do governo de Augusto. Cf. Beaujeu (2002) v. 9, 288, nota 1 *ad* 264.

123 *Fam.* 16.21.5.

lhe inspirasse alguma suspeita. E depois também me ocorreu o seguinte: que era penoso eu fazer juízos sobre o juízo feito pelo meu pai.¹²⁴

Marco pediu, depois, a Tirão que lhe enviasse o mais rapidamente possível um culto secretário, de preferência, instruído em grego, que pudesse ajudá-lo a tomar apontamentos das lições. É que essa tarefa tomava muito do seu tempo:

Peço-te, todavia, que me seja enviado o mais depressa possível um copista, especialmente um que seja Grego. Perco, de facto, muito tempo a copiar as minhas notas.¹²⁵

A leitura desta missiva deixa-nos tentados a acreditar nas belas palavras de Marco, na nobreza dos seus propósitos e no seu entusiasmo pelo estudo da filosofia e da retórica. No entanto, a volubilidade com que, por vezes, alterava as suas decisões não nos permite acreditar em absoluto nesta declaração de virtude.¹²⁶ Além do mais, ainda que o desejasse ardentemente, Marco não terá disposto de muito mais tempo em Atenas para dar cumprimento às promessas que fizera. Na verdade, esta carta, que data dos últimos meses de 44, precede pouco tempo a sua integração no exército de Marco Bruto, que viria a recrutar na Grécia muitos jovens romanos que se encontravam a estudar em Atenas.¹²⁷

Com a sua incorporação no exército de Bruto, Marco entrava na fase final da aprendizagem da vida militar, que se fazia sob o patrocínio de uma alta entidade a quem o jovem devia respeito e veneração. O breve período vivido pelo jovem ao lado de Bruto, que foi, talvez, o mais brilhante da sua existência, ficou marcado pelo seu imenso espírito de iniciativa e entusiasmo. Investido das funções de tribuno militar, exerceu-as de forma exemplar, tendo alcançado o mérito de aliciar algumas coortes cesarianas.¹²⁸ Bruto não se cansou de o elogiar junto do pai. Em

124 *Fam.* 16.21.6.

125 *Fam.* 16.21.8.

126 Não nos esqueçamos, por exemplo, que, em 46, dois anos depois de ter combatido corajosamente em Farsalo, ao lado de Pompeio, estivera disposto a pôr-se ao serviço de César.

127 *Cf. Plu., Cic.* 45.3; *App., BC* 4.6.51.

128 *Cf. Plu., Brut.* 24. Em Abril de 43, Marco Bruto, que se encontrava na Grécia, comandava oito legiões contra Marco António (*cf. App., BC* 3.11.79 e 4.10.75): duas que ele próprio recrutou, duas conduzidas por Q. Hortênsio Hórtalo, governador da Macedónia, as três legiões da Ilíria que se aliaram a ele e, por fim, a última das seis legiões cesarianas da Macedónia. Algumas coor-

carta datada de 1 Abril de 43, nas vésperas da batalha de Mútina, enumerou as qualidades que o caracterizavam e louvou a excelência do seu carácter, não fosse ele filho de quem era:

O teu filho Cícero conquista de uma tal maneira a minha estima com a sua energia, coragem, empenho, nobreza de carácter, enfim, com todo o tipo de serviços, que parece bem não esquecer por um instante ser filho de quem é.¹²⁹

Cícero não pôde deixar de se sentir orgulhoso da conduta do jovem, ao sabê-lo tão estimado por Bruto:

Quanto ao meu filho Cícero, se existe nele tudo quanto escreves, fico tão feliz quanto devo, e, se o afecto que sentes por ele te leva a exagerar, só o facto de gostares dele deixa-me incrivelmente feliz.¹³⁰

O seu agrado era ainda maior quando essas virtudes bélicas chegavam ao conhecimento do Senado:

Na verdade, a tua carta, que foi lida no Senado, revela o valor e a indústria do general e dos teus soldados, entre os quais o meu filho Cícero.¹³¹

Na perspectiva do pai, Marco Bruto era um exemplo a seguir. Pediu, por isso, ao amigo que se fizesse acompanhar do filho sempre que possível:

Mantém, por favor, do teu lado o meu filho Cícero o mais possível, meu caro Bruto. Ele não encontrará em parte alguma melhor escola de excelência que a observação e imitação do teu exemplo.¹³²

tes desta legião tinham-se rendido ao jovem filho de Cícero, que Bruto fizera tribuno militar; as restantes acabaram por ser capturadas em Apolónia (cf. Beaujeu (2002) v. 10, 200). Cf. *Phil.* 10.13. Ao afirmar que o filho assumiu o comando de toda a legião anteriormente comandada por L. Calpúrnio Pisão, Cícero quis amplificar os sucessos militares de Marco. Na verdade, Marco António conservou o comando de sete das dez coortes que compunham a legião. Cf. Wuilleumier (1960) nota 3 ad 133.

129 *ad Br.* 2.3.6. Sobre os feitos militares de Marco Cícero, *vide* também Plu., *Brut.* 24.

130 *ad Br.* 2.4.6.

131 *ad Br.* 2.5.2.

132 *ad Br.* 2.5.6.

Em Maio do ano 43, em plena guerra civil e a pouco tempo de Marco completar vinte e dois anos, entre outros assuntos que dominavam a actualidade, discutiu com Bruto as hipóteses de uma eventual candidatura do jovem a um lugar no *collegium pontificum*.¹³³ Não obstante a gravidade e a incerteza da situação político-militar, o estadista não deixou de se preocupar com a carreira do filho:

Quero que o meu filho Cícero seja cooptado para o teu colégio.¹³⁴

Admitiu perante Bruto a hipótese de esta candidatura poder ser feita *in absentia*, isto é, sem que o jovem precisasse de estar em Roma. A corroborar esta ideia, o orador aduziu o exemplo de Gaio Mário, que fora eleito áugure durante o tempo que esteve na Capadócia, e referiu a inexistência de qualquer lei que impedisse outros, em semelhantes circunstâncias, de fazerem o mesmo:

Sou inteiramente da opinião que os candidatos ausentes podem ser tidos em consideração nos comícios sacerdotais; na verdade, isso já aconteceu anteriormente. Efectivamente, Gaio Mário, mesmo estando na Capadócia, foi eleito áugure de acordo com a lei Domícia, e nenhuma lei proibiu que tal fosse permitido posteriormente.¹³⁵

Depois de ter sido informado por Bruto de que este lhe iria enviar o filho para que ele se pudesse candidatar ao lugar no colégio, o pai respondeu-lhe dizendo que havia já enviado mensageiros que aconselhariam Marco a regressar para junto de Bruto. Havia tempo para se candidatar. Mais importante do que qualquer outra coisa, nesse momento, era a guerra. Para que não restassem dúvidas relativamente a este seu desejo, tinha escrito mais do que uma vez ao filho a informá-lo de que, graças ao esforço que dispendera nesse sentido, tinha conseguido que as eleições para o colégio de sacerdotes fossem adiadas até ao ano seguinte.¹³⁶

133 Cf. É esta a lição de Shackleton Bailey (2002) nota 1 *ad ad Br.* 1.5.3.

134 *ad Br.* 1.5.3.

135 *Ibidem*.

136 Em Agosto, porém, Octaviano, apesar de não ter mais de vinte anos, com a ambição de ser eleito cônsul, fez designar dois particulares, com poder consular, para que se pudessem reunir os *comitia* e, desse modo, realizar as eleições consulares (cf. D.C. 46.45.3). Sobre este assunto, *vide* Beaujeu (2002) v. 11, 13, nota 3.

Eu, porém, quando me escreveste sobre o facto de o Cícero te ter deixado, imediatamente despachei correios e uma carta para ele, para que, mesmo que já tivesse chegado a Itália, regressasse para junto de ti; com efeito, nada é mais grato para mim, nada é mais honroso para ele. De resto, tinha-lhe escrito por diversas vezes que, em virtude de um grande esforço da minha parte, os comícios sacerdotais haviam sido adiados para o ano seguinte (...).¹³⁷

O pai preferia que Bruto, em vez de enviar o jovem para Roma, o trouxesse consigo para Itália, integrado no seu exército. Se Bruto estivesse efectivamente empenhado em salvar a pátria, deveria rumar a Itália com urgência, já que a guerra havia recrudescido por culpa de Lépido:

Assim, peço-te com toda a urgência, meu caro Bruto, que não mandes de volta o meu Cícero, mas que o tragas contigo; e isto, se tens em consideração a República, para a qual vieste ao mundo, deves fazê-lo imediatamente; é que a guerra reacendeu-se, e uma guerra de grande amplitude, devido ao comportamento criminoso de Lépido.¹³⁸

A urgência deste pedido voltou a ser evidente nas duas cartas que, no mês de Julho, ainda escreveu a Bruto.¹³⁹ Estes apelos, juntamente com o que dirigiu, igualmente no mês de Julho, a Cássio, constituem as últimas missivas que nos chegaram da sua correspondência. Com a formação do segundo triunvirato (António, Octaviano e Lépido), Cícero ficou entregue à fúria de António e passou a integrar as listas de proscricções.¹⁴⁰

Apesar de ter sido proscrito juntamente com o pai, que acabou por ser assassinado, Marco conseguiu escapar às garras de António, porquanto se encontrava na Macedónia, ao serviço de M. Bruto.¹⁴¹ Após a derrota republicana na batalha de Filipos, em Outubro de 42, na qual se bateu valentemente ao comando de uma unidade de cavalaria, Marco passou pela Ásia, onde se aliou a Cássio de Parma,¹⁴² que tentava resistir

137 *ad Br.* 1.14.1.

138 *ad Br.* 1.14.2.

139 *Cf. ad Br.* 1.15.12 e 1.18.1-2.

140 Octaviano, depois de dar alguns sinais de ruptura com o Senado, acabou por entrar em acordo com Marco António e, conseqüentemente, por trair Cícero (*vide* Guillen (1981) v. 2, 433-450). Sobre a morte de Cícero, leia-se *e.g.* Stockton (1971) 332.

141 *Cf. App., BC* 4.4.19.

142 *Cf. App., BC* 5.1.2.

a Octaviano e António. Da Ásia passou pela Sicília, onde se juntou a Sexto Pompeio,¹⁴³ e, em 39, logo depois do tratado de Miseno,¹⁴⁴ regressou a Roma. Octaviano, lembrando-se então da colaboração que havia recebido de Cícero na luta contra António, e como forma de se desculpar por ter traído o orador, decidiu pagar ao filho a dívida de gratidão que contraíra para com o pai, –nomeando-o pontífice menor e, depois, no ano de 30, constituindo-o seu colega no consulado.¹⁴⁵ Enquanto cônsul, o Senado ordenou que fossem derrubadas as imagens representativas de Marco António, anulou todas as suas outras honras e determinou que nenhum dos *Antonii* pudesse usar o nome *Marcus*.¹⁴⁶ Após Octaviano ter anunciado a derrota de Marco António em Áccio, Marco Cícero, a fim de dar conhecimento desse facto ao povo, mandou que se afixasse a notícia nos mesmos *rostra* onde antes havia sido exibida a cabeça do malogrado pai.¹⁴⁷ Mais tarde, talvez em 28, o jovem tornou-se procônsul na Síria¹⁴⁸ e na Ásia,¹⁴⁹ sendo este o último acontecimento relativo à sua carreira de que temos notícia.¹⁵⁰

No *De officiis*, Cícero chegou a escrever ao filho que o primeiro conselho que daria a um jovem em demanda de fama e glória seria a conquista de uma carreira militar.¹⁵¹ Para o pai, porém, a juventude de

143 Cf. App., BC 4.6.51.

144 Entre Pompeio e António e Octaviano estabeleceu-se um acordo de paz, celebrado ao largo do promontório Miseno, na Campânia (cf. App., BC 5.8.69-75).

145 Cf. App., BC 4.6.51; D.C., 51.19.4.

146 Cf. Plu., Cic. 49.6; D.C., 51.19.3.

147 Cf. App., BC 4.6.51; D.C., 47.8.3.

148 Cf. App., BC 4.6.51.

149 Cf. Sen., Suas. 7.13.

150 Encontramos, todavia, em diversos autores algumas referências ao seu carácter temperamental e a hábitos de vida pouco aconselháveis que não abonam muito a seu favor. Da sua intemperança na bebida, por exemplo, temos um aceno seguro em Plínio-o-Velho, que nos diz que Marco tinha o hábito de beber dois cõngios de um só trago e de, já embriagado, atirar à cara de Marco Agripa, genro de Augusto, o conteúdo do copo (cf. Nat. 14.147). Por sua vez, Séneca-o-Velho conta-nos um episódio anedótico da sua falta de memória, quiçá agravada pelo vício da bebida. Refere o autor que o filho de Cícero, durante o seu proconsulado na Ásia, convidou certa vez para jantar o retor Céstio. Como o conhecia apenas de ouvir falar, perguntou a um escravo, durante a refeição, o nome do desconhecido que partilhava consigo a mesa (era Céstio). O servo disse-lhe o nome, mas Marco depressa o esqueceu, perguntando-lhe o nome outras vezes. Entretanto, ou porque perdera a paciência, ou porque queria gravar definitivamente o tal nome na mente do seu senhor, disse-lhe o servo: “Este homem é Céstio, que dizia que o teu pai não conhecia as letras”. Marco, num acesso de fúria, mandou vir um chicote e açoitou violentamente o convidado (cf. Suas. 7.13).

151 Cf. 2.45.

Marco havia coincidido com uma guerra em que uma das facções envolvidas – o partido de César – cometera demasiados crimes, e a outra – a ala pompeiana – saíra derrotada, pelo que a glória alcançada pelo filho na luta corajosa ao lado de Pompeio caíra por terra, no momento em que havia caído também a República,¹⁵² com a derrota do exército republicano em Farsalo, em Agosto de 48. Havia, porém, outro meio de alcançar a glória – a eloquência, em especial, a eloquência exibida nos tribunais¹⁵³ –, e Cícero teria certamente preferido que o filho enveredasse por essa via.

O estadista colocou os seus extraordinários dotes oratórios ao serviço da pátria e em prol da República, e foi com esses dotes que conseguiu desarmar e vencer muitas vezes os seus inimigos políticos.¹⁵⁴ Desejava, por isso, ardentemente, que o filho se tornasse um digno herdeiro desta sua arte.¹⁵⁵ Postulava que o empenho cívico de um mero cidadão não era menos digno de louvor do que a coragem de um soldado. Pelo contrário, àquele exigia-se mais energia e dedicação do que a este.¹⁵⁶

Marco, todavia, renunciou ao destino para o qual o pai quis que ele nascesse. Foi-lhe proporcionado tudo aquilo que poderia desejar para se tornar um advogado famoso e um orador brilhante: um pai culto e empenhado em guiá-lo na busca do saber, excelentes e reconhecidos mestres, generosos meios financeiros, oportunidade de conhecer locais e civilizações interessantes e longínquas. Rejeitou, no entanto, a actividade forense, pela qual Cícero tanto quis que enveredasse.¹⁵⁷ Ao invés, preferiu as armas à toga e, à imagem de muitos outros jovens pertencentes à elite política romana de finais da República, enveredou pela carreira militar. Não gozou, certamente, da notoriedade e projecção social de que gozou o pai na tribuna, mas, em compensação, tomando as

152 Cf. *ibidem*.

153 *Off.* 2.49.

154 Cf. *Off.* 1.78.

155 Cf. *ibidem*.

156 Cf. *ibid.*.

157 Neste aspecto, estamos de acordo com Bradley (1991) 105 *sq.*, que afirma: “In spite of his educational opportunities and preparation for public life, all set in the context of great wealth and parental commitment, Marcus ultimately was never to emulate his father’s achievements. (...) Although one might wonder about his emotional response to growing up in the shadow of the consul of 63 B.C., Marcus’s lack of distinction cannot be attributed to any lack of material advantage in early life.”

rédeas do seu próprio destino, granjeou alcançar um lugar de destaque nas fileiras do exército romano.¹⁵⁸

A liberalidade e, ao mesmo tempo, o desvelo com que Cícero educou o filho contrastam, pois, com a ideia redutora e tantas vezes propalada de que, em Roma, o *paterfamilias* tinha poder absoluto sobre os filhos e que estes lhe deviam absoluta obediência. A este respeito, estamos pois, em total acordo com Saller, que afirma:

The key terms most commonly associated with the Roman family are *pietas* and *patria potestas*. What configuration of authority and obligation did these quintessentially Roman concepts legitimize in family relations? (...) it is a gross oversimplification to represent Roman fathers as endowed with unlimited power, obeyed by children under unlimited obligation underwritten by the duty of *pietas*. This may have been the way that the Greeks as conquered foreigners understood Roman legends, but it is not the way that the Romans themselves understood family bonds. Roman culture drew a clear distinction between the father's relationship with his children, characterized by mutual obligation and concern, and the master's exploitative power over his slaves.¹⁵⁹

Em rigor, os filhos permaneciam sujeitos ao poder do pai (*patria potestas*) durante toda a sua vida, mesmo depois de atingida a idade adulta e de terem acedido aos mais altos cargos públicos (*apud* Pereira, 1984: 184). O relacionamento entre pai e filhos permitia, no entanto, uma certa flexibilidade não prevista pela lei – sobretudo durante a República, em que os contornos mais severos do poder absoluto do *paterfamilias* sobre os filhos se foram esbatendo – e as convenções legais acabavam muitas vezes por traduzir-se em regras abrangentes que, em contexto privado e familiar, poderiam ser harmonizadas com as circunstâncias e os interesses dos visados. No exemplo em estudo, não há dúvida de que o principal e verdadeiro educador de Marco Cícero foi o pai, mas a influência por este exercida na formação e integração na vida pública do jovem, ainda que expressiva, não impediu que este enveredasse por um caminho que não correspondia exactamente ao que o pai ambicionara

158 Apesar de Séneca ter atribuído o mérito dos cargos políticos ocupados por Marco à fama do pai (*Ben.* 4.30). O próprio Cícero admitia que o filho tivera a sorte de herdar do pai a fama e o nome (*cf. Off.* 2.44).

159 (1994) 72 *sq.*.

para ele. O desequilíbrio de forças que, à primeira vista, poderia caracterizar a relação entre *pater* e *filiusfamilias* não era, afinal, tão acentuado; na prática, pai e filho pautavam o seu relacionamento pela noção do dever e respeito mútuos.

Referências

- ANDRÉ, C. A. (1993), “Sementeiras de Tristeza: Cícero, precursor das lágrimas ovidianas”, *Humanitas* 45, pp. 155-192.
- BADIAN, E. (1968), *Roman Imperialism in the Late Republic*, Oxford, Blackwell.
- BALBI, V. (1907), “Cenni biografici sul figlio di M. Tullio Cicerone”, *Rivista di Storia Antica* 11, pp. 260-271.
- BAYET, J. (2002), *Cicéron. Correspondance* (vol. 5), Paris, Les Belles Lettres.
- BEAUJEU, J. (1980-1996), *Cicéron. Correspondance* (vols. 6-11), Paris, Les Belles Lettres.
- BONNER, F. S. (1977), *Education in Ancient Rome: from the elder Cato to the younger Pliny*, London, Methuen.
- BORNECQUE (1960), *Divisions de l'art oratoire; Topiques*, Paris, Les Belles Lettres.
- BRADLEY, K. R. (1991), *Discovering The Roman Family*, Oxford, Oxford University Press.
- BRUNT, P. A. (1971), *Social conflicts in the Roman Republic*, London, Chatto and Windus.
- (1988), *The Fall of the Roman Republic*, Oxford, Clarendon Press.
- CONSTANS, L.-A. (2002), *Cicéron. Correspondance* (vols. 1-3), Paris, Les Belles Lettres.
- CONSTANS, L.-A. et BAYET, J. (2002), *Cicéron. Correspondance* (vol. 4), Paris, Les Belles Lettres.
- CUGUSI, P. (1983), *Evoluzione e Forme dell'Epistolografia Latina: nella tarda repubblica e nei primi due secoli dell'impero; con cenni sullepistolografia preciceroniana*, Roma, Herder.
- DIXON, S. (1984), “Family Finances: Tullia and Terentia”, *Antichthon* 18, pp.78-101.
- GARDNER, J. F. (1986), *Women in Roman Law and Society*, London, Croom Helm.
- GRUEN, E. S. (1974), *Last Generation of the Roman Republic*, Berkeley, University of California Press.
- GUILLEN, J. (1981), *Héroe de la Libertad. Vida política de M. Tulio Cicerón* (vols. 1 e 2) Salamanca, Universidad Pontificia.

- HOLMES, T. R. (1923), *The Roman Republic*, Oxford, Clarendon Press.
- HUTCHINSON, G. O. (1998), *Cicero's Correspondence. A Literary Study*, Oxford, Clarendon Press.
- LINTOTT, A. W. (1968), *Violence in Republican Rome*, Oxford, Clarendon Press.
- MITCHELL, T. N. (1979), *Cicero: The Ascending Years*, New Haven, Yale University Press.
- NIPPEL, W. (1995), *Public Order in Ancient Rome*, Cambridge, Cambridge University Press.
- NORCIO, G. (1968), "Il figlio di Cicerone", *Convivium* 36, pp. 351-355.
- OLIVEIRA, E. M. R. (2006), *As epistulae de Cícero: um olhar sobre a família*, Aveiro, Universidade de Aveiro – Departamento de Línguas e Culturas (reprodução policopiada – dissertação de doutoramento).
- PAOLI, U. H. (1999), *Rome. Its People, Life and Customs*, trad. R. D. Macnaghten, London, Bristol Classical Press.
- PARATORE, E. (1983), *História da Literatura Latina*, trad. de Manuel Losa, Lisboa, Calouste Gulbenkian.
- PATTERSON, J. R. (2000), *Political life in the city of Rome*, London, Bristol Classical Press.
- PEREIRA, M. H. R. (1984), *Estudos de História da Cultura Clássica* (II volume, Cultura Romana), Lisboa, Calouste Gulbenkian.
- PEREIRA, V. S. (2006), "Plínio e a sombra tutelar de Cícero", *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 8, pp. 79-103.
- PÉREZ GÓMEZ, L. (1997), "La epístola en Roma. Siglos III-I a.C.", in C. Codoñer Merino, (ed.) (1997), *Historia de la Literatura Latina*, Madrid, Ediciones Cátedra, pp. 317-330.
- RAWSON, B. M. (1986), "The Roman Family" (1986), in B. M. Rawson (ed.) (1986), *The Family in Ancient Rome: New Perspectives*, London, Croom Helm.
- SALLER, R. P. (1994), *Patriarchy, property and death in the Roman family*, Cambridge, Cambridge University Press.
- SHACKLETON BAILEY, D. R. (1965-1970) *Cicero's Letters to Atticus* (vols. 1-7), Cambridge, Cambridge University Press.
- (1977), *Cicero. Epistulae ad Familiares* (vols. 1-2), Cambridge, Cambridge University Press.
- (1999), *Cicero. Letters to Atticus* (vols. 1-4), Cambridge, Harvard University Press.
- (2001), *Cicero. Letters to Friends* (vols. 1-3), Cambridge, Harvard University Press.

- (2002), *Cicero. Letters to Quintus and Brutus. Letter Fragments. Letter to Octavian. Invectives. Handbook of Electioneering*, Cambridge, Harvard University Press.
- STOCKTON, D. (1971), *Cicero: A Political Biography*, Oxford, Oxford University Press.
- SYME, R. (1939), *The Roman Revolution*, Oxford, Oxford University Press.
- TAYLOR, L. R., and SCOTT, R. T. (1969), “Seating space in the Roman senate and the *senatores pedarii*”, *Transactions of the American Philological Association* 10, 529-582.
- TREGGIARI, S. (1969), *Roman Freedmen During the Late Republic*, Oxford, Clarendon Press.
- (1991), *Roman Marriage: Iusti Coniuges From the Time of Cicero to the Time of Ulpian*, Oxford, Oxford University Press.
- WIEDEMANN, T. (1994), *Cicero and the End of the Roman Republic*, London, Bristol Classical Press.
- WUILLEUMIER, P. (1960), *Cicéron. Discours. Philippiques V-XVI*, Paris, Les Belles Lettres.